



Entrevista com Lígia Petrucci

Entrevista: Vicente Fonseca

Fotos: Maria Laura Suñe

Transcrição: Brenda Moura

A entrevistada desta edição da Revista da Extensão é dona de uma das trajetórias mais relevantes dentro do cenário cultural do Rio Grande do Sul nas últimas décadas. Conhecida principalmente por sua atuação de cerca de 20 anos na coordenação do Projeto Unimúsica, Lígia Petrucci tornou-se referência para profissionais da área da Cultura, em especial no âmbito do serviço público. Nesta conversa, a produtora cultural e atual diretora do Departamento de Difusão Cultural (DDC) da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS fala sobre o início de sua trajetória, sua paixão por dança e música, seus 35 anos de atuação dentro da Universidade e, em especial, claro, as duas décadas dedicadas ao Unimúsica.

Revista da Extensão: Lígia, vamos começar falando da tua trajetória: como foi a tua formação antes do ingresso como servidora na UFRGS?

Lígia Petrucci: A minha formação tem início em casa, com meus pais. Ambos eram professores e tinham vínculo muito forte com a música - sobretudo meu pai, com música e teatro. Eu gostava de dançar, fiz balé muito cedo. Tudo isso fazia parte da nossa vida em família. Quando eu vim morar em Porto Alegre (nasci em Bagé) para estudar, pelos meus 16 ou 17 anos, eu ainda dançava, e fiz dança aqui. O meu primeiro curso, História, surgiu na minha vida porque eu ainda não sabia exatamente o que estudar. Eu não tinha ideia na época que eu poderia fazer Teatro para aprimorar a dança, não sabia que esta era uma possibilidade de carreira e formação.

Revista da Extensão: E por que a opção por História?

Lígia Petrucci: Fiz História porque gostava muito de humanas. Fiz o curso até o fim, mas foi difícil para mim, realmente não era o meu

caminho. Eu segui dançando, e foi através da dança que eu acabei sendo produtora cultural na UFRGS, porque a minha mãe, preocupada com a condição profissional de uma bailarina ou professora de dança na época, me sugeriu que eu fizesse o concurso. Ela me dizia “eu sei, minha filha, que a carreira na dança é linda, maravilhosa, mas é muito difícil. Quem sabe você não experimenta esse concurso?”. Papo de pai e mãe, né? Eu já era aluna do curso de Teatro aqui na Universidade, já havia descoberto que existia esse caminho, e eu estava muito feliz no curso. Talvez tudo pudesse ser diferente se o Teatro fosse a minha primeira formação acadêmica. Enfim: segui a sugestão da minha mãe e fiz o concurso para programador cultural. Eu achava que não ia passar, no entanto passei, e logo fui chamada. Fiquei muito surpresa.

Revista da Extensão: Quantos anos tu tinhas na época?

Lígia Petrucci: Eu tinha 25 anos quando fiz o concurso e 26 quando fui chamada. No início, foi bem difícil conciliar o trabalho com as aulas de dança que eu dava e o curso no DAD (NR:

Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS). Aos poucos, fui tendo de renunciar a algumas coisas, até que tive de abrir mão inteiramente. Foram escolhas que acabaram sendo feitas ao longo do tempo. Então, eu realmente deixei a dança e o teatro e assumi inteiramente essa profissão de produtora cultural. Fui me descobrindo uma servidora pública da cultura aos poucos. Depois, busquei formação na área: fui para a França, onde fiz uma especialização em política cultural e gestão das artes. Fiquei um ano em Paris. Mais tarde, fiz outra especialização em gestão da cultura, no Itaú Cultural. Fui buscando essas formações. Mas foi quando eu comecei a trabalhar no Departamento de Difusão Cultural, sobretudo diretamente no Unimúsica, é que eu realmente me descobri mesmo.

Revista da Extensão: Como produtora cultural, chegaste a trabalhar com dança? Produziu espetáculos?

Lígia Petrucci: Trabalhei, mas de uma forma, digamos, bem artesanal. Produzi dois espetáculos do meu grupo de dança. Aqui na UFRGS, não cheguei a produzir como servidora. Até dancei aqui na UFRGS com o meu grupo, o Haikai. Tivemos uma temporada na Sala Qorpo Santo, em maio de 1988. Mas fiz essa produção cultural antes de ingressar na Universidade como técnica-administrativa.

Revista da Extensão: Como servidora tu já entraste direto no DDC?

Lígia Petrucci: Não, eu entrei no Instituto de Artes, justamente para trabalhar na Qorpo Santo. Minha primeira função foi administrar, coordenar a sala, que é vinculada ao DAD. Trabalhei dois anos lá. Foi muito legal, pois estive envolvida com muitos colegas e professores, pessoas que eu já conhecia. Eu deixei a Qorpo Santo e vim para a Pró-Reitoria de Extensão em 1992. Fui trabalhar no Planetário, por causa da Sônia Coppini, minha amiga. Ela era atriz, e nos conhecíamos da dança e do teatro. A Sônia trabalhava com programação

no Planetário, e foi por intermédio que eu fui para lá. Foi lá que conheci meu marido, o Dudu (NR: Dudu Sperb, cantor, compositor, desenhista e técnico-administrativo na UFRGS). Ele e a Sônia criavam programas infantis, e eu tentei fazer, sobretudo para o público infanto-juvenil. Mas eu não consegui escrever. Foi por bloqueio, um bloqueio absoluto.

Revista da Extensão: Por que ocorreu esse bloqueio? Dificuldade com a temática da Astronomia?

Lígia Petrucci: Não, o problema era com a escrita, o formato do programa. Eu tentei. Talvez eu ainda tenha alguns manuscritos guardados. O argumento do programa era ótimo, eu adorava, mas não consegui fazer acontecer. Era muito interessante: eu queria muito fazer programas que abordassem as primeiras viagens marítimas orientadas por estrelas, os primeiros deslocamentos, falar dos diferentes barcos e concepções da Terra, da ideia de que a Terra pudesse ser o Mar Mediterrâneo e um pouco mais, até, enfim, a chegar às viagens espaciais que permitiram que se pudesse realmente enxergar o globo terrestre. Tudo também passando pelas noções de Astronomia dos gregos, enfim. Era uma ideia legal. Eu me lembro que falava até de trirremes, que era um tipo de barco que existia na Grécia Antiga. Mas foi uma incapacidade minha. Claramente aquilo não era para mim. Foi essa situação que me levou a vir para o Departamento de Difusão Cultural.

Revista da Extensão: Foi frustrante para ti?

Lígia Petrucci: Foi frustrante, sim. Eu não conseguia oferecer nada lá. Fui então para o DDC, em 1997, por sugestão das minhas grandes amigas Mônica Dantas e Suzi Weber, que são bailarinas e minhas parceiras de dança. Elas coordenam o Unidança, e me convidaram para vir ao departamento, na época chefiado pelo Ney Vargas. Logo a seguir, a Claudia Boettcher assumiu a direção, e eu então passei a coordenar



o Unicultura, programa que englobava diversos projetos.

O Unimúsica foi o primeiro deles, em 1981, e fez um estrondoso sucesso. A partir dele, vieram o Unidança, para dança; o Unicena, para teatro; o Unifilme, de cinema, entre outros. Todos faziam parte do Unicultura. É nesse momento também que o Unimúsica se assume como um projeto voltado à música popular. Nesse sentido, ele é pioneiro: é um dos primeiros projetos a validar a música popular como assunto para ação cultural dentro de uma universidade pública. Por isso, a UFRGS é exemplar.

Revista da Extensão: O Unimúsica chegou a ser interrompido em alguns momentos, certo?

Lígia Petrucci: Sim. Ele surgiu com enorme força em 1981, e deu então origem ao Programa Uniarte, que tinha o Unimúsica, o Unidança, o Unifilme. Tudo isso foi suspenso em 1985, retomado parcialmente em 1989 e retomado definitivamente em 1993, com o nome de Unicultura, assumindo uma forma bem mais ampliada.

Revista da Extensão: Ele está em vigor ininterruptamente há 30 anos, então...

Lígia Petrucci: Sim, mas a gente marca o aniversário a partir da data de criação. Então, são 42 anos, sendo 30 deles de forma ininterrupta, desde 1993, sempre assumindo formatos diferentes ao longo desses anos. Então, eu coordenava o Unicultura: eu não programava propriamente, apesar de muitas vezes sugerir programações, edições temáticas, mas cada área tinha o seu próprio coordenador. Eu atuava apenas na coordenação geral, fazendo com que todos esses projetos se juntassem. Aí, quando eu fui para a França, a Ânia Chala e a Cláudia Boettcher ficaram responsáveis pelo projeto. Quando eu voltei, houve uma grande greve aqui na Universidade, as coisas mudaram bastante. Então, por uma série de circunstâncias, eu acabei assumindo a programação mesmo. Então, além de coordenar, eu programava. Até que houve um momento, em 2003, que nós ficamos sem recursos para finalizar a programação, e nós já tínhamos atividades programadas, articuladas. Diante

dessa interrupção, eu pensei numa estratégia para garantir recursos que viabilizassem a realização do projeto, e eu propus que o piloto fosse com o Unimúsica.

Revista da Extensão: Em que consistia essa estratégia?

Lígia Petrucci: Antes, o Unimúsica era continuado, ocorria ao longo do ano. O Zé Carlos Azevedo era o coordenador, havia uma grade que ele programava a partir de projetos que eram enviados ao Departamento de Difusão Cultural. Então, ele selecionava os projetos, os artistas enviavam suas proposições, enfim. Não existia uma curadoria. Mas era incrível, muito diverso. Lembro de um show, em 1996 ou 1998, da Hard Working Band, no Salão de Atos lotado. Então, a mudança de estratégia em busca desses recursos que estavam faltando era inverter essa lógica: eu propus um projeto que tivesse início, meio e fim. Assim nasceu a primeira série, *Piano e Voz*, em 2004. Lançamos a programação no início do ano, toda ela como um grande conjunto, com concertos e debates que iam de março a novembro. E aí eu inverti a forma de programar a partir do momento em que comecei a fazer convites. Isso eu já fazia lá por 2001, 2002. E a partir de 2004 veio esse novo formato, de ciclo inteiro e um tema que gera a programação. Esse primeiro, *Piano e Voz*, trouxe a relação do piano com a música popular brasileira, com a canção, definiu o conjunto de espetáculos e ações formativas que vieram junto. E assim foi: o que era para ser o projeto piloto acabou se transformando no formato que a gente desenvolveu em todos esses anos.

Revista da Extensão: Como é pensar cada temporada? Cada ano traz um tema bem diferente do anterior. Como é esse processo na tua cabeça?

Lígia Petrucci: Não tenho uma receita, nem um método muito elaborado. É um trabalho bastante intuitivo, de observação, no sentido de

que uma série muitas vezes serve de contraponto para outra. Por exemplo: na série *Piano e Voz*, a gente trabalhou com formações muito pequenas, sempre canções. Então, no ano seguinte, trouxemos música instrumental. Em um ano a gente produz a série *Cancionistas*, então no outro procuramos trabalhar com grandes formações, como orquestras e *big bands*. A gente procura sempre surpreender, tanto a plateia como nós mesmos. A gente, que está trabalhando, busca isso. Mas também temos o compromisso de trazer temas não muito visíveis, no senso comum, como, por exemplo, a série *Percussionistas*. Os percussionistas são fundamentais na música brasileira, têm um papel absolutamente central, mas muitas vezes ficam lá atrás, não têm protagonismo. Em função disso, pensamos numa série em que os protagonistas fossem justamente os percussionistas. Trouxemos nomes como Naná Vasconcelos, e todo tipo de percussão: sinfônica, corporal, experimental, tradicional, enfim. Também trazemos temas que são importantes, e às vezes não tão percebidos. O *Festival Forrobodó*, de 2020, trouxe o trabalho das mulheres instrumentistas, que às vezes não são muito consideradas nem pelos próprios pares. É uma diversão! A melhor parte é pensar o tema. Um deles foi sugerido pela então pró-reitora de Extensão, Sandra de Deus, em 2017. Ela propôs que trabalhássemos com a América Latina. Ali a surgiu a série *Témpano América*, de 2018.

Revista da Extensão: Como foi o desafio de selecionar e convidar artistas de outros países para virem ao Unimúsica?

Lígia Petrucci: Nós já tínhamos trazido alguns artistas de outros países em edições anteriores. Na época, em 2017, eu estava de licença, concluindo meu mestrado em Artes Cênicas. Então, me dei conta de que, embora a gente já tivesse um conselho consultivo no Unimúsica desde 2007, esse desafio proposto pela Sandra me fez sentir que era preciso ir além. Assim, me veio a ideia da curadoria compartilhada, algo que se faz em tantas áreas. Foi outra diversão,

super bacana. Trabalhei com Benjamin Taubkin, Demétrio Xavier, Leonardo Croatto. A partir daí, surgiram as séries com curadorias compartilhadas. É um pouco diferente do conselho consultivo: neste formato, a gente trocava algumas ideias, às vezes mais, às vezes menos, mas quem decidia sozinha era eu, a decisão era minha, pois o conselho era justamente isso, consultivo. Já a curadoria é um trabalho transversal mesmo. Foi assim em 2018, em todos os anos seguintes, e será assim em 2024. A Ana Laura Freitas, nova coordenadora do projeto, manteve esse formato. E esse modo de trabalhar é muito mais enriquecedor mesmo. Não faz mais sentido pensar numa curadoria individual.

Revista da Extensão: Lá atrás, quando tu assumiste a coordenação do Unimúsica, imaginava que ele chegaria tão longe?

Lígia Petrucci: Não, não.

Revista da Extensão: Qual era tua ideia naquele momento? Simplesmente fazer o melhor possível?

Lígia Petrucci: Exatamente, fazer o melhor possível. Eu sempre estive muito imbuída do que é uma universidade pública. Existia o trabalho maravilhoso dos que me antecederam - a Clarice Aquistapace, o Celso Loureiro Chaves, o Zé Carlos Azevedo. Só que a gente percebe que as coisas, enfim, vão mudando. A própria vida da cidade, o papel, o tamanho, tudo isso muda. E a gente precisa acompanhar essas mudanças. A vida cultural da cidade já era outra quando eu assumi, o papel da UFRGS nacionalmente também havia mudado, e isso vai te levando a fazer reflexões. A Universidade tem que sempre fazer o melhor possível, a melhor extensão cultural. Era preciso pensar como ela deveria ser feita

naquele momento. Nada muito pensado, mas tudo sempre deve ser pautado nesse compromisso, nessa observação de que os tempos mudam.

Revista da Extensão: E nos últimos anos?

Como foi ter de encarar um momento particularmente tão difícil para a área cultural como o que vivemos recentemente? As pessoas desconhecem o que é cultura? Não sabem a importância que ela tem?

Lígia Petrucci: Sempre existiu um esforço de quem trabalha com cultura na Universidade de afirmar para mais pessoas o quanto a experiência cultural é formativa. Não apenas para a formação acadêmica, mas para a vida. A gente sente e nota isso, pelos comentários, testemunhos, reações. Sempre é um trabalho de convencimento. Isso é cultura: cultura existe, tudo é cultura. Cultura é tudo, tudo de bom, e é super importante na formação das pessoas. Claro que há momentos extremamente difíceis. Esse período recente que a gente passou tornou ainda mais evidentes e, às vezes, até mesmo dramáticos esses desafios. Mas para quem trabalha com cultura é sempre assim: nunca nada está dado. É sempre um trabalho constante de atenção, defesa, argumentação, autocrítica. Tudo isso tem de ser feito permanentemente. Claro que hoje a gente já respira melhor, passa a ter mais otimismo, mas é sempre difícil.



A gente tem que insistir, insistir e insistir.

Revista da Extensão: Qual a tua avaliação sobre o papel que o Unimúsica assumiu na cena musical de Porto Alegre nos últimos 20 anos? Muita gente de fora da Universidade vem assistir aos concertos, o que torna o pátio do Campus Centro um ponto de efervescência cultural já tradicional para a comunidade.

Lígia Petrucci: Ao longo dos últimos 20 anos, recebemos mais artistas de outras cidades do Brasil do que porto-alegrenses, isso sem falar nos artistas de outros países. Acho que isso é um valor importante do Unimúsica, é algo que ele realmente traz para a cidade, porque são poucos os projetos que conseguem fazer isso de forma constante para um público tão amplo. O Santander teve e voltou a fazer projeto neste sentido, o Instituto Ling também. Mas esse trânsito, e com essa proporção, o Unimúsica é um dos poucos que faz. Como espectadora, valorizo muito a possibilidade de conhecer e ver presencialmente artistas que eu jamais veria, que eu nunca teria ouvido, se não fosse um projeto como esse me provocar para isso. Considero importante assumir que o Unimúsica desempenha um papel importante de possibilitar ao público de Porto Alegre o contato gratuito tanto com artistas que são muito conhecidos, que às vezes a gente não teria grana para pagar o valor do ingresso, e ao mesmo tempo aqueles pouco ou nada conhecidos. Poder ver presencialmente, assistir, participar de um *workshop*, de uma entrevista aberta, de um encontro, conversar com o artista, conhecer mais sua trajetória. Porque o Unimúsica é tudo isso, não só o espetáculo.

Revista da Extensão: Os *workshops* vieram com o formato das séries temáticas. Existe toda uma preocupação formativa também, certo?

Lígia Petrucci: Sim, desde 2004. Mas essas ações formativas variam conforme a proposição, a temática, a configuração da série. Há anos que parece mais interessante fazer *workshops*, em

outros fica melhor realizar entrevistas abertas. Em 2018, me pareceu interessante proporcionar audições comentadas com os artistas convidados, para que eles trouxessem suas referências, o que costumavam ouvir em seus países. Fazíamos na Sala 2 do Salão de Atos. O público escutou junto, conversou, comentou e depois, no show, pôde ouvir o trabalho que eles faziam. Houve outro ano em que realizamos ensaios abertos, com as orquestras e *big bands*, afinal, era difícil fazer um *workshop* com tantos artistas.

Revista da Extensão: Agora, a pergunta mais difícil de todas: qual série tu mais gostaste de produzir?

Lígia Petrucci: Nossa, muito difícil. Evidentemente, eu tenho carinho especial pela série *Piano e Voz*, que foi a primeira. Ela é muito, muito especial para mim. Artistas que participaram dela são meus amigos até hoje. Ali havia pessoas que eu admirava assistir, estiveram aqui e fazem parte da minha vida até hoje. É uma série muito especial. Curti muito a *Irreverentes*, também, pelo próprio tema, a ideia da irreverência, que é algo que eu gosto bastante. Foi muito legal. Ocorreu em 2015, quando o Unimúsica passou a assumir de forma mais clara uma perspectiva política.

Revista da Extensão: Naquele momento conturbado estávamos precisando mesmo de irreverência, né?

Lígia Petrucci: Precisávamos. Reunimos na série o Arrigo Barnabé, o Jards Macalé, o Wander Wildner, o Carlos Careqa, o Tom Zé e o Luiz Melodia - foi o último show do Melodia em Porto Alegre (NR: o compositor morreu em 2017). A Cláudia Boettcher sugeriu perguntarmos a cada um deles o que eles achavam que era irreverência. E a Gabriela Marluce, nossa bolsista na época, estudante de Relações Públicas, propôs perguntarmos ao público também. A UFRGS TV nos ajudou nesse processo: eles gravavam os depoimentos quando as pessoas vinham retirar o ingresso. Então, projetavam as respostas no telão.

Era uma algazarra: as pessoas se viam no telão do Salão de Atos dizendo o que era ser irreverente. Foi realmente muito especial. Em 2016, tivemos outra série bastante política, *Sobre a Palavra Futuro*, os desafios que tínhamos pela frente. Foi uma série só com mulheres, para fazer o contraponto, pois nos *Irreverentes* tivemos apenas homens. Eu adoro essa série também. Também adoro o *Festival Forrobodó* (2020), que foi feito no susto. Tivemos de aprender a conceber, produzir o trabalho de música *online*, com várias pessoas. Foi maravilhoso: 25 instrumentistas de todo o país, uma bandoneonista de Buenos Aires. A última série que eu produzi, a *Uni 40* (2021), que é o festival que encerra o livro (NR: livro *Unimúsica 40*, lançado em novembro de 2023, organizado por Lígia e que conta a história do festival), era música de cena, para trabalhar a ideia entre a música e as outras artes da cena. Eu sempre digo que a música é uma arte de cena. Então, a relação da música com o teatro, a dança, a performance, tudo isso esteve nesse festival. Também adorei este último *Unimúsica* que a Ana Laura construiu ao lado de outras pessoas, o *Alô, Harmonia!*. Foi fantástico.

Revista da Extensão: E algum show em especial?

Lígia Petrucci: Nossa, foram tantos...

Revista da Extensão: Vou tentar te ajudar: sabe um que me marcou muito? O *SpokFrevo* (2012).

Lígia Petrucci: Eu quase falei no *SpokFrevo* também. Foi incrível. Eles “colocaram fogo” no Salão de Atos. Foi demais, demais, demais. Aquele clima de festa pernambucana, alto astral, foi incrível.

Revista da Extensão: O do Lenine (2009) também foi incrível.

Lígia Petrucci: Foi maravilhoso. Salão de Atos lotado... Violão e voz, foi lindo. O da Elza Soares também foi incrível. Em 2016, a *Mulher do Fim*

do Mundo. Estava lotado também, as pessoas estavam... nossa, foi impressionante. Eu mesma cheguei a gritar junto com o público. Era algo que extravasava. Outro muito especial foi o de encerramento da série *Percussionistas*, em 2010, com o Naná Vasconcelos. Ele deu uma oficina para muitas pessoas no Salão de Festas da Reitoria, e o show foi incrível. Talvez tenha sido a última vez dele em Porto Alegre (NR: Naná Vasconcelos morreu em 2016).

Revista da Extensão: O que passa na tua cabeça quando, após meses e meses de trabalho, dedicação, tu vês o público vibrando durante shows como o da Elza Soares, por exemplo? Sensação de dever cumprido?

Lígia Petrucci: Ah, é uma emoção absurda. É muito mais do que a sensação de dever cumprido: é o reconhecimento do poder que a música e a arte têm de transcender tudo. O que acontece no palco nos leva para outro lugar. É a potência da música. É isso que eu sinto.

Revista da Extensão: Tu deixaste a coordenação do *Unimúsica* há dois anos, e assumiu a direção do Departamento de Difusão Cultural em 2020. Como foi essa mudança? Tu eras antes coordenadora de um projeto muito grande, mas agora passa a ser responsável por todas as coisas que acontecem aqui no DDC. Chegou a passar algum dia pela tua cabeça assumir a gestão do departamento?

Lígia Petrucci: Na verdade, eu não pensava em ser diretora. Eu imaginava me aposentar em 2019, mas, com a última reforma da previdência, tive de seguir trabalhando. Eu iria permanecer até novembro de 2020, e o projeto era me aposentar nesta data. No entanto, veio a pandemia, e o livro não havia ficado pronto. Enfim, uma série de circunstâncias que acabaram protelando a minha aposentadoria. Então, veio o convite para assumir a direção do DDC após a aposentadoria da Cláudia e, embora fosse algo que não estivesse no meu horizonte, eu não relutei naquele momento

em assumir. Também pelo fato de estar trabalhando há tantos anos, eu tinha a gestão de um projeto muito grande (e outros menores, como o Núcleo de Estudos da Canção, o Cenas Mínimas). Claro, é diferente: é muito melhor programar, embora dê muito trabalho. Na gestão, tenho uma série de preocupações de ordem mais administrativa, política, enfim. A exigência é outra. Mas posso dizer que, depois de tanto tempo, eu não poderia não estar capacitada para isso. Afinal de contas, não é tão difícil assim. É trabalhoso, mas...

Revista da Extensão: A posição de direção te tirou da zona de conforto?

Lígia Petrucci: É interessante, porque traz outros problemas, outros desafios. Muda um pouco em termos de escala. Confesso que, às vezes, me sentia um pouco desgastada por enfrentar sempre os mesmos problemas na condução do Unimúsica. É interessante mudar de problema. Mas sair da zona de conforto sempre foi uma tentativa.

Revista da Extensão: Nunca te permitiste ficar nela?

Lígia Petrucci: Não. Digo isso francamente. E não é só comigo. Acho que o Unimúsica é uma demonstração disso, um pouco do espírito da gestão da cultura. Quando você trabalha com cultura, estar na zona de conforto não é possível, senão a coisa morre. Para o trabalho estar vivo, ser instigante para as outras pessoas, tem que ser pra ti também. Então não tem zona de conforto. Mas o cargo de direção é isso: desloca um pouco o tipo de preocupação, a abrangência das preocupações. Ok, eu não estou mais na coordenação, mas converso com a equipe sobre os desafios do Unimúsica, da Sala Redenção, as questões administrativas, as questões do Centro Cultural, enfim. Então, tudo isso vai se pulverizando. Mas posso dizer, com muita franqueza, que em todo o período da gestão da Cláudia, no meu, entre todos nós, todas as pessoas que compuseram a equipe nesses anos todos, que a zona de conforto não era o nosso terreno.



Revista da Extensão: Esse livro aqui, *Unimúsica 40*, conta a história do “Uni”. Deveria ter sido lançado em 2016, nos 35 anos, ficou para 2021, aos 40, e, por conta da pandemia, acabou saindo em 2023, aos 42 anos, no último dia 28 de

novembro. Como foi a construção dessa obra? Porque ela é mais que isso: ela é praticamente um tratado sobre o teu trabalho na Universidade, publicada justamente no período em que tu estás encerrando a tua trajetória aqui.

Lígia Petrucci: Sabe que eu só fui me dar conta disso hoje de manhã (NR: a entrevista foi realizada no dia 30 de novembro de 2023), quando eu estava tomando café da manhã. Às 6h30 da manhã, fui tomar meu café e pensei: “nossa! aconteceu!”. O livro, então, está aí: é a concretização desse projeto, a finalização dele de maneira muito palpável.

Revista da Extensão: Não tinha “caído a ficha” para ti ainda?

Lígia Petrucci: Hoje começou a cair. Foi muito lindo o lançamento, eu fiquei realmente muito comovida com a presença de tantos colegas aqui do Departamento de Difusão Cultural, da PROEXT, bolsistas, amigos, da Clarice, do Celso. O livro demorou esse tempo todo por uma série de circunstâncias, mas aconteceu do jeito que tinha de acontecer. Comentamos sobre isso, o Flávio (Wild, designer da obra) e eu: o livro foi se aprimorando ao longo do tempo. E a gente nunca deixou de tentar fazê-lo. A gente estava sempre trabalhando para poder finalizar. Havia uma questão minha, depois dele... e então veio a pandemia, que foi um fator determinante nessa demora. Também houve uma série de questões estruturais na Gráfica apontadas pela Joseane Ranzolin, nossa grande parceira da Gráfica da UFRGS, que levaram a esse atraso.

Revista da Extensão: Chegaste a ter medo que o livro não saísse?

Lígia Petrucci: Houve, sim, momentos em que o próprio Flávio comentava: “nossa, será que não vai sair?”. Porque, realmente, era difícil. Uma hora era o papel, em outra o material que faz a plastificação, depois o *wire-o*, que precisávamos para o livro poder fechar, por ser muito extenso.

Vários detalhes de produção. E o Flávio Wild é extremamente comprometido com a qualidade do objeto livro. Além de ser um grande designer, ele é muito, muito metódico. Com a qualidade da impressão, do objeto... nesse sentido, a gente se encontra muito, pois também sou assim. Eu tenho muito essa preocupação.

Revista da Extensão: É a apresentação da Universidade para o público, afinal.

Lígia Petrucci: Exatamente. A gente, como servidor público, tem que ter. É nossa obrigação apresentar bem, pois é o nome da Universidade que vai ali. Precisa ser o melhor, sempre. A gente não pode aceitar a precariedade. Nós recusamos a precariedade, e vamos fazer de tudo para que as coisas não se deem dessa forma. Simplesmente não aceitamos. Então, podemos até levar mais tempo para finalizar uma publicação. Mas, quando ela sair, vai honrar a instituição. Nós recusamos a precariedade que, às vezes, tentam impor à universidade pública.

Revista da Extensão: Lígia, muito obrigado pela entrevista. Disponibilizo esse espaço para uma mensagem final que tu queiras deixar para os leitores da *Revista da Extensão*.

Lígia Petrucci: A gente lançou ano passado um mote aqui no Departamento de Difusão Cultural de que “Cultura é Tudo”. A cultura está nos postais, nas camisetas lá da Ponto UFRGS. Eu estou superfeliz de que esse mote esteja realmente sendo vestido pelas pessoas, curtido por elas. Esse é o desejo. Vou me aposentar em breve, então desejo muito que as pessoas possam se permitir as descobertas que a cultura propicia. É tão bom, tão bacana, cultura é tudo de bom. Eu aposto nisso e espero realmente que as pessoas se sintam bem. Eu mesma vou continuar vindo à Universidade para ver esse espaço efervescente, cheio de vida, cheio de gente. ◀